



**EDUCOMUNICAÇÃO, *MEDIA LITERACY* E LETRAMENTO
MIDIÁTICO: DIALÓGOS DE PRÁTICAS E PERSPECTIVAS
COM HELENA VETORAZO**

*Educommunication, Media Literacy and Media Literacy:
Dialogues of Practices and Perspectives with Helena Vetorazo*

*Educomunicación, Media Literacy y Letramiento Mediático:
Diálogos de Prácticas y Perspectivas con Helena Vetorazo*

Entrevista: Francisca Helena Gonçalves Vetorazo

Entrevistador:
Carlos Batista¹



Doutora em Educação (Unicamp) e Mestra em Ciências Sociais na Educação, com graduação em Ciências Sociais (USP) e licenciaturas em Sociologia e História (FE-USP), possui especializações em áreas como Tecnologias na Educação, Psicopedagogia e Ensino de Humanidades. Com experiência como professora, coordenadora pedagógica e docente no ensino superior, atualmente atua como diretora de projetos em Educação Inclusiva e Educomunicação, além de pesquisadora no BRaS (Alemanha) e BRASA, investigando as relações entre tecnologias, juventudes e trabalho no contexto educacional e profissional contemporâneo. E-mail: vetorazohelena@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9358883083223217>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5657-1900>.

Resumo: Nesta entrevista concedida pela Profa. Dra. Helena Vetorazo para o pesquisador Carlos Batista se apresentam um panorama geral sobre a Educomunicação, a *Media Literacy* e o Letramento Midiático, destacando suas origens, especificidades, práticas e desafios em contextos nacionais e internacionais. Com isso se buscou esclarecer fundamentos, trajetórias históricas, políticas públicas e perspectivas transformadoras que os atravessam. O objetivo foi

¹ Mestre em Educação. Universidade Paulista – SP, São Paulo, São Paulo, brasil. E-mail: contactcarlos40@gmail.com; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8130346912500730>; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5190-6721>.

ressaltar a importância da colaboração entre diferentes agentes e instituições. Em síntese e ao longo de suas explanações a entrevistada evidencia não só a relevância educacional como suas práticas interdisciplinares, críticas e socialmente engajadas, em diálogos tanto com a *Media Literacy* como o Letramento Midiático, demonstrando igualmente os avanços e desafios as consolidando como instrumentos transformadores de inclusão e resistência democrática.

Palavras-chave: Inclusão. Comunicação. Pedagogia. Digital. Sociedade.

Abstract: In this interview granted by Prof. Dr. Helena Vetorazo to researcher Carlos Batista, a general overview of Educommunication, Media Literacy, and Media Literacies is presented, highlighting their origins, specificities, practices, and challenges in both national and international contexts. The discussion sought to clarify their fundamental concepts, historical trajectories, public policies, and transformative perspectives. The objective was to emphasize the importance of collaboration among different agents and institutions. In summary, throughout her explanations, the interviewee demonstrates not only the relevance of educommunication but also its interdisciplinary, critical, and socially engaged practices, in dialogue with both Media Literacy and Media Literacies, while also showcasing the advances and challenges that consolidate them as transformative instruments for inclusion and democratic resistance.

Keywords: Inclusion. Communication. Pedagogy. Digital. Society.

Resumen: En esta entrevista concedida por la Prof. Dra. Helena Vetorazo al investigador Carlos Batista, se presenta un panorama general sobre la Educomunicación, la *Media Literacy* y el Letramiento Mediático, destacando sus orígenes, especificidades, prácticas y desafíos en contextos nacionales e internacionales. La conversación buscó clarificar los fundamentos conceptuales, las trayectorias históricas, las políticas públicas y las perspectivas transformadoras que los atraviesan. El objetivo fue resaltar la importancia de la colaboración entre diferentes agentes e instituciones. En síntesis, a lo largo de sus explicaciones, la entrevistada evidencia no solo la relevancia de la educomunicación, sino también sus prácticas interdisciplinarias, críticas y socialmente comprometidas, en diálogo tanto con la *Media Literacy* como con el Letramiento Mediático, mostrando asimismo los avances y desafíos que los consolidan como instrumentos transformadores de inclusión y resistencia democrática.

Palabras clave: Inclusión. Comunicación. Pedagogía. Digital. Sociedad.

Entrevista

Carlos Batista: Primeiramente eu agradeço pela disponibilidade e atenção em dialogar sobre esses conceitos, também sou grato à revista *Convergências* pelo espaço disponibilizado para divulgação e como primeira pergunta peço esclarecimentos sobre os fundamentos dessas temáticas no sentido de esclarecer qual é a diferença e a relação entre Educomunicação, *Media Literacy* e Letramento Midiático?

Helena Vetorazo: Eu entendo como conceitos distintos, pois possuem focos e práticas diferenciadas, que se entrelaçam e se complementam dependendo dos meios e dos contextos em que se envolvem, a Educomunicação, por exemplo, estimula a prática social entre os campos da educação e da comunicação, sendo que os seus objetivos podem ser melhor alcançados socialmente, ou seja em grupos. Já a *Media Literacy* é um tipo de alfabetização voltada às

mídias, independentemente do tipo de mídia e de sua aplicação, o caráter principal é saber interpretar as informações e em consequência interagir com elas. Letramento Midiático é uma “tradução” do conceito de *Media Literacy*, porém (e também) com práticas voltadas ao processo de ensino e de aprendizagem, isto é, com características pedagógicas e inclusivas.

Carlos Batista: Referente às ações globais nesta área como observa a atuação da UNESCO e suas iniciativas para promoção da educação midiática na América Latina?

Helena Vetorazo: Respondo essa pergunta partindo inicialmente da descrição de iniciativas globais com o entendimento do contexto geral para em seguida focar nas iniciativas latino americanas. A *Unesco* tem um programa global intitulado como Alfabetização Midiática e Informacional, ou simplesmente AMI, com o guia: *Global Standards for Media and Information Literacy Curricula Development Guidelines*. O objetivo é orientar programas instrucionais para capacitação de usuários com baixo ou mesmo nulo letramento midiático. Por meio dele têm-se o recorte latino-americano protagonizado por diversos acadêmicos e universidades nessa região, assim como pela ABPEducom (Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação) que além de contribuir ativamente e criticamente na produção de conteúdos como o exposto, promove a visão da necessidade de aparelhamento instrucional crítico do cidadão, por conta de sua alfabetização digital e de uma educação midiática presente e regulamentada, dentro e fora dos domínios escolares. Esse engajamento regional e latino americano propicia um círculo virtuoso com o amparo natural da *Unesco*, já que suas diretrizes formativas são incentivadas e recomendadas para adoção.

Carlos Batista: Muito bom e como você vê Educomunicação introduzida e desenvolvida no Brasil?

Helena Vetorazo: Confesso que não sou uma especialista em História, por isso peço licença para mencionar alguns autores nessa resposta, pois entendo que através desses catedráticos podemos compreender o contexto sócio-histórico envolvido e demonstrar uma cronologia inspiradora, sendo assim, compreendo que a educomunicação se iniciou como um “movimento de resistência” a regimes totalitários e a favor do diálogo, portanto da democracia, ou seja, no momento em que se esboça a conciliação dos campos da educação e da comunicação, a partir dos anos 60 e 70 temos esse esboço crítico capitaneado por Paulo Freire sobre a necessidade de se ressignificar o processo educacional e comunicacional. Processo que viria tomar força e forma nos anos 80, potencializados por teóricos como Mário Káplun, Jesús Martín-Barbero, Maria Aparecida Baccega, dentro outros. No final dos anos de 1990 a educomunicação toma o corpo que conhecemos e se desenvolve “plenamente”, no sentido de não somente ser entendida como uma concepção teórica e prática, mas um estudo a ser aprofundado por meio de normas e já como parte de ambientes educacionais, graças às pesquisas de Ismar Soares, Adilson Citelli e Maria Cristina Castilho. Sei que neste enredo eu posso cometer injustiças de não citar tantos outros autores que protagonizaram o movimento, por isso concluo esse breve resumo mencionando a criação da graduação de Educomunicação em 2011 na USP e as valiosas contribuições educacionais, de ordem midiática, no BNCC a partir de 2016.

Carlos Batista: Em relação as abordagens internacionais quais as diferenças entre as abordagens europeias, norte-americanas e latino-americanas em relação à educomunicação?

Helena Vetorazo: é uma tarefa angustiante, para não dizer complexa, sintetizar em poucas linhas as principais diferenças entre as abordagens pedidas, uma vez que a educomunicação perpassa por inúmeras fases de amadurecimento em seus entendimentos e aplicações nessas três regiões, mas de uma maneira geral a abordagem europeia educucomunicativa é mais eclética no fomento de iniciativas, haja visto as influências da Igreja Católica e suas atividades comunicativas-didáticas paroquiais. Têm-se depois os movimentos de divulgação políticos ingleses e midiáticos franceses, espanhóis e suecos, sempre com apoio governamental direto ou indireto, de forma que essa sortidão de linhas tem como plano de fundo a criticidade e a necessidade de novos tipos de letramentos para os indivíduos, fatores que reverberam na abordagem latino-americana, onde o aspecto crítico é conjugado à questão de resistência contra regimes políticos de dominação, resultando em uma abordagem mais social “inclusiva”. Na parte norte-americana a diferença é o senso crítico aflorado por conta dos estudos culturais culminando em abordagens socioconstrutivistas principalmente no final do século XX. De posse desses contextos, eu sumarizo as principais diferenças entre as três abordagens primeiro pelo fundo histórico, latente e pujante europeu, segundo nos aspectos de constante capacitação americano e terceiro o inerente movimento de transformação social que os latino-americanos buscam.

Carlos Batista: Pode prever os impactos do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, datado de 1998, assim como a importância deste evento na promoção da Educomunicação?

Helena Vetorazo: foi graças a esse pioneiro evento que as concepções educucomunicacionais ganharam força e abrangência no Brasil e no mundo, sem exageros, ele pode ser considerado como um divisor de águas para sua época, não só pela inovadora postura de intercâmbios promovida, visto que reuniu 250 profissionais de cerca de 30 países segundo à ABPEducom, como por conta do período que as TICs (tecnologias da informação e comunicação) ganhavam destaque e projeção tecnológica. Novos estudos da área tomaram corpo e avançaram depois do encerramento do congresso, dentre eles o também fato histórico de uma publicação do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA (USP) fundamentando teoricamente a educomunicação como uma prática social intervencionista.

Carlos Batista: Também peço seu ponto de vista sobre quais os principais desafios enfrentados pela Educomunicação na América Latina?

Helena Vetorazo: o principal desafio hoje para este campo é a sua projeção e ampliação de seu caráter autônomo, uma vez que a parte teórica e o plano de fundo epistemológico já se mostram fundamentados nacionalmente e internacionalmente. O caráter autônomo não deve ser confundido como libertário, mas sim metodológico onde a educomunicação representa um paradigma novo entre os campos da educação e da comunicação por conta de sua proposta primordial do agir coletivo e de práticas cidadãs imbuídas de letramentos, avessas a interesses particulares. A origem do conceito explica e justifica esse desafio constante e recorda a questão que os campos da educação e comunicação não são iguais, mas “paralelos” em suas aplicações, portanto passíveis de negociações, o que torna o desafio difícil, ao menos inicialmente.

Carlos Batista: Certo! Nesse sentido como a Educomunicação pode contribuir para a transformação social?

Helena Vetorazo: Por ser inerentemente um conceito que visa unir campos protagonizantes (a educação e a comunicação) a sua prática já é transformacional, isto é, o(s) agente(s) que desenvolvem processos educacionais, independente de sua(s) formação(ões) e objetivo(s) buscam exemplificar que é possível uma associação de meios para quebras de paradigmas em diversos contextos, sejam eles no ensino e na aprendizagem, nas relações sociais ou em quaisquer tipos de ambientes principalmente na inclusão de indivíduos, sem discriminar faixa etária, credo, raça, posição social e geográfica. Complemento citando que afora permitir essa amplitude, a transformação de conceitos educacionais e comunicacionais teorizados igualmente contribui para o transformar societário no sentido de agregar valores aos indivíduos que dela se cercam, quer dizer, não se trata simplesmente de transformação no sentido de substituir algo considerado ultrapassado ou inadequado por algo novo, mas transformar para evoluir, para aprimorar.

Carlos Batista: Pode me exemplificar projetos de Educomunicação que tiveram sucesso no Brasil?

Helena Vetorazo: posso descrever diversos projetos educacionais nos próximos parágrafos, porém apontar um ou alguns como protagonizantes seria leviano e até limitado de minha parte, por isso prefiro utilizar da descrição de projetos com amplitudes pioneiras e dentre eles o que mais me marcou primeiramente foi o programa: “Educomunicação pelas ondas do rádio” que se tornou lei municipal na cidade de São Paulo em 2004. Posteriormente teve início a pioneira graduação em Educomunicação pela ECA/USP em 2011 e a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação também no mesmo ano, projetos que reverberaram em novas iniciativas acadêmicas e institucionais por todo o país. Além disso, menciono o reconhecimento da *Unesco* referente à importância da alfabetização midiática e das necessárias práticas educacionais, como vulto internacional e as perspectivas educacionais presentes na BNCC, bem exploradas e aplicadas por docentes em inúmeras áreas. Se origina de todos esses esforços, projetos em instituições particulares, públicas, associações, na indústria, no comércio e em âmbitos municipais, estaduais e federais, materializando e gerando novas ideias.

Carlos Batista: Em vista dessas exemplificações, é possível predizer se existe integração da Educomunicação nas políticas públicas educativas no Brasil?

Helena Vetorazo: Integração é a palavra-chave para qualquer tipo de política pública, pois ela permite a continuidade e a mensuração de projetos a curto, médio e longo prazo, fator fundamental para o desenvolvimento de uma nação de um povo rico e plural. Hoje, apesar dos notórios avanços nos contextos educacionais na área legislativa, da docência e da pesquisa eu ainda não visualizo uma integração plena, isso se deve a minha impressão que a educação esbarra em limitações de propostas e usos bem mais avançados, ou seja, usos em consonância com as realidades educacionais inclusivas, apartidárias e tecnológicas que vivenciamos. Essa limitação, infelizmente é política, o que é contrário a razão do conceito da

educomunicação que prega justamente o diálogo e com isso o crescimento, ao menos na teoria, de suas práticas. Para dificultar (um pouco mais) considero os vieses ideológicos partidários dos agentes políticos que prejudicam a chamada continuidade de projetos considerados bem-sucedidos e a substituição de projetos considerados fracassados, ocorrência que pode ser solucionada pela interação de agentes externos e não partidários de interesses particulares, mas sim sociais. Apesar de todo esse cenário a curto prazo limitante, os esforços acadêmicos perseveraram e suas projeções afirmativas resultantes também, permitindo dessa forma um insistente caminho para integração de agentes públicos e suas políticas, quer queiram ou não.

Carlos Batista: Por fim, me esclareça por favor como a colaboração entre diferentes agentes e instituições podem influenciar o desenvolvimento da Educomunicação no Brasil?

Helena Vetorazo: Quando são citados diferentes agentes e instituições eu entendo algo totalmente heterogêneo, plural e principalmente pandisciplinar. A riqueza interseccional resultante dessas pluralidades comunicacionais tanto reflete como emana influências. Como o foco principal é o território nacional, o ideal é propor um desenvolvimento entendido pelo “cooperativismo evolutivo”, no sentido que praticar a educomunicação é praticar a inclusão de agentes e para isso o aspecto institucional é inevitável. Vide o exemplo de projetos educacionais em escolas, empresas ou mesmo em ONGs, para sua implementação e frutificação é necessário primeiro um respeito às normatizações e às capacitações vigentes, caso contrário o projeto já nasce confuso e fadado ao insucesso, meta que se constrói somente de forma colaborativa. Posto isso e em uma segunda etapa se observa os resultados que podem ser expandidos, divulgados, e novamente a colaboração é fundamental. Eu compreendo que a “colaboração institucional” também pode ser diversificada, quer dizer, também pode fugir de âmbitos governamentais e migrar para diferentes (outros) setores, o que pode além de ampliar os horizontes de práticas, oxigenar com inovações e novos estudos, como exemplo a parte colaborativa empresarial, natural de ambientes não pedagógicos que pode ser estimulada.

Recebido em: 22 de maio de 2025
Aceito em: 21 de setembro de 2025
